

O emprego da cavalaria mecanizada na brigada de infantaria mecanizada na marcha para o combate

*Endrigo Buscarons da Silva**

Introdução

Uma nova era de confrontos surgiu nas últimas décadas, dentro do contexto do amplo espectro, inseridas nas guerras de 4ª geração. Uma série de fatores causou essa evolução, podendo-se destacar: uma necessidade de maior facilidade logística, a maior capacidade de defesa por exércitos inferiores frente a inimigos mais poderosos, maior capacidade de mobilização nacional e a maior conformidade política e econômica dos acontecimentos. Os últimos conflitos existentes, desde a Guerra do Vietnã, trouxeram, portanto, aos exércitos a necessidade de se transformar e se adaptar para enfrentar os novos desafios da era do conhecimento.

Tão aceleradas são as mudanças na cena mundial, hoje em dia, que agora as revisões doutrinárias — que costumavam acontecer a cada quarenta ou cinquenta anos — são necessárias de ano em ano ou de dois em dois anos. (TOFFLER, 1993, p. 72)

No Brasil, o Exército Brasileiro, atento a essas modificações, iniciou o seu processo de transformação através de uma série de

projetos e estratégias que procuram tornar o nosso Exército cada vez mais forte no cenário nacional e internacional, a curto, médio e longo prazo. Essas mudanças estão embasadas pela nova Estratégia Nacional de Defesa (END).

A END, em suas diretrizes, determina algumas capacidades a serem melhoradas nas Forças Armadas, entre elas destacam-se duas: o trinômio estratégico, constituído de *mobilidade, presença e monitoramento*; e a *mobilidade estratégica*, ou seja, a sua capacidade de reação no âmbito nacional.

O entendimento da mobilidade tem implicações para a evolução dos meios blindados e mecanizados de uma força armada. Uma delas é o conceito de harmonizar, nas características técnicas das viaturas e carros, atributos de proteção e movimento, necessários para cumprimento das missões da Arma de Cavalaria.

Na Operação Tempestade no Deserto... O primeiro aspecto se deveu ao fato de terem as unidades do Exército se deslocado tão rápido que encontraram o inimigo constantemente fora de posição e voltado para a direção errada... (SCHUBERT, 1998, p.289)

* Cap Cav (AMAN/03, EsAO/12). Foi instrutor do Curso de Cavalaria da EsAO. Atualmente, é o comandante do 23º Esquadrão de Cavalaria de Selva.

Todos esses conceitos agregados nos colocam diante de desafios para pesquisas e desenvolvimento da doutrina existente, determinando as melhores formas de emprego para todos os tipos de tropa do Exército Brasileiro, uma vez que esperamos que se torne cada vez mais moderno e adaptado às características dos possíveis cenários a serem enfrentados no Brasil e no mundo.

Como poderemos empregar essas forças com maior efetividade? A resposta reside na forma pela qual organizamos essas forças para o combate — organizar forças blindadas e mecanizadas por tarefas e determinar suas ações táticas e as relações de apoio. As forças blindadas e mecanizadas podem exercer um papel significativo por todo o espectro do combate. (OLIVER, 2011)

Estratégia Nacional de Defesa — o combate moderno e suas implicações

As determinações da Estratégia Nacional de Defesa, as evoluções do Combate Moderno e os conceitos da Doutrina Delta, aplicados ao emprego das tropas nos dias de hoje são fundamentais para entendimento das questões básicas que devem ser respondidas em uma fase de transformação: como equipar? como combater? como organizar?

A END determina que as Forças Armadas sejam organizadas sob a égide do trinômio monitoramento/controle, mobilidade e presença; a partir daí as suas tropas terão de ter capacitações operacionais que gerem a capacidade de responder prontamente a qualquer ameaça ou agressão em qualquer parte do país, ou seja, a mobilidade estratégica.

Uma das concepções do Combate Moderno é a conquista de objetivos estratégicos

em curto prazo de tempo; para isso, um Exército precisa de mobilidade como base para a constituição do seu poder de combate. Isso somado ao imperativo da *elasticidade*, que é a capacidade de se fazer presente, modifica algumas concepções de emprego para o Exército Brasileiro.

Nos dias de hoje observa-se que existe um adensamento populacional nos países, constituindo um grande número de cidades interligadas por rodovias que se tornarão, em caso de conflito, os eixos de atuação da Força Terrestre.

A criação da brigada de infantaria mecanizada (Bda Inf Mec) foi inserida nesse contexto, sendo que um dos fatores motivadores para a modernização da doutrina de combate de Infantaria é a necessidade de dotar o Exército Brasileiro de uma grande unidade com mobilidade suficiente para adaptar-se às características do combate moderno.

Conclui-se parcialmente que — após um estudo da END e do combate moderno, todos aplicados ao contexto nacional — temos de buscar o aumento da mobilidade e da flexibilidade de emprego, pois assim iremos alcançar objetivos estratégicos constituídos, possivelmente, por cidades e seus acessos rodoviários e necessitaremos manter a elasticidade pela capacidade de se fazer presente em qualquer teatro de operações.

O vínculo entre os aspectos tecnológicos e operacionais da mobilidade há de se realizar de maneira a alcançar objetivos bem definidos. Entre esses objetivos, há um que guarda relação especialmente próxima com a mobilidade: a capacidade de alternar a concentração e a desconcentração de forças com o propósito de dissuadir e combater a ameaça. (END, 2008)

O emprego da Bda Inf Mec

Atualmente a 15ª Bda Inf Mec tem em seu organograma três batalhões de infantaria mecanizados (BI Mec), um esquadrão de cavalaria mecanizado (Esqd C Mec), um grupo de artilharia de campanha (GAC), um batalhão logístico (B Log), uma companhia de engenharia de combate mecanizada (Cia Eng Mec) e uma companhia de comunicações (Cia Com).

As possibilidades da Bda Inf Mec de ser altamente móvel, de dispersar-se e reunir-se rapidamente e de realizar operações continuadas como força taticamente autônoma trazem necessidades de adaptação aos seus elementos de manobra.

Alguns oficiais ainda não visualizam o emprego da Bda Inf Mec de forma isolada, pois esta receberia o apoio de sua divisão de exército (DE) enquadrante; entretanto, com o estudo aprofundado sobre o tema e após a análise da Doutrina Delta e do Combate Moderno, pode-se perceber que a brigada continua sendo o módulo básico de emprego. Portanto, a Bda Inf Mec, confere ao Exército maior mobilidade estratégica e tática, podendo ser empregada isoladamente, precisando de maior número de meios para atuar sem apoio da DE enquadrante.

A Bda Inf Mec Experimental do Exército Brasileiro é a 15ª Bda Inf Mec, sendo inserida na 5ª Divisão de Exército. A 5ª DE possui como brigadas orgânicas a 5ª Brigada Blindada e a 14ª Bda Inf Mtz; daí se conclui, por meio do estudo das características e limitações dessas grandes unidades que a tropa mais móvel dessa DE será justamente a Bda Inf Mec.

Assim sendo, a Bda Inf Mec pode ser lançada em marcha para o combate (M Cmb) isoladamente até que a DE se organize para o combate para atuar em um possível campo de batalha apresentado. Esse fato se deve à maior mobilidade estratégica que a Bda Inf Mec possui em relação às demais.

Conclui-se parcialmente que a Bda Inf Mec será provavelmente empregada inicialmente na marcha para o combate, visando a uma ação futura decisiva. Na busca do contato com o Inimigo, os conceitos trazidos pelo combate moderno e pela Doutrina Delta farão com que o comandante da Bda Inf Mec tenha de empregar as suas forças da melhor maneira, visando ter suas peças de manobra nas melhores condições de emprego.

O emprego da cavalaria mecanizada da Bda Inf Mec — fatores da decisão X características das tropas

Os fatores da decisão (missão, inimigo, terreno, meios e tempo), levando em consideração as características de cada tropa, indicarão o melhor emprego da cavalaria mecanizada (C Mec) orgânica da Bda Inf Mec em M Cmb, como integrante das *forças de segurança* (F Seg) ou do *grosso*.

A C Mec não é a mais apta para emprego nas ações ofensivas e defensivas que seriam executadas após uma M Cmb. Isso posto, caso seja empregada como elemento do *grosso*, o comandante da Bda Inf Mec estará aproveitando a maior potência de fogo e ação de choque que a C Mec possui em relação às tropas de Inf Mec; entretanto, desconsideraria as características típicas da Cavalaria e as suas missões previstas na Doutrina Delta.

A tropa C Mec deve, portando, ser empregada em ações de reconhecimento e segurança (missões da *força de segurança*), pois estas são suas missões básicas, além de serem mais compatíveis com suas características, possibilidades e limitações.

Esqd C Mec X R C Mec – qual a real necessidade?

Alguns fatores indicam que somente um Esqd C Mec é insuficiente para um eficiente emprego de uma Bda Inf Mec. A capacidade logística e a necessidade de maior apoio de fogo, gerando menor dependência do comando enquadrante, são exemplos.

O emprego de apenas um Esqd C Mec atuando isolado como F Seg é insuficiente, tendo em vista que, para atender as necessidades da Bda de ter uma vanguarda e uma flancoguarda, o Esqd teria de empregar um Pel C Mec por missão, e o nível pelotão não possui estrutura logística e nem apoio de fogo suficiente para atuar isoladamente. Assim sendo, cada missão deverá ser executada por, pelo menos, uma subunidade.

Uma observação interessante, que a doutrina não responde, é a de que, na flancoguarda (fixa ou móvel), a relação da extensão do grosso de uma Bda Inf Mec em M Cmb e a capacidade do Esqd C Mec de proteger são incompatíveis. Inviabilizando o cumprimento dessa missão por apenas uma subunidade.

Já na vanguarda, a limitação seria o número de eixos usados. Cada Esqd C Mec pode receber apenas um eixo principal, conforme a doutrina vigente, limitando a ação da Bda Inf Mec. Assim sendo, a GU teria de pro-

gredir em uma coluna única, contrariando os princípios de flexibilidade e elasticidade preconizados na END, na Doutrina Delta e no combate moderno.

Sendo a Bda Inf Mec dotada de apenas uma subunidade de C Mec, certamente ficará com a sua eficiência de emprego comprometida em face das suas necessidades em operar em largas frentes e múltiplos eixos, caso esta GU tenha de atuar isoladamente.

Conclui-se, portanto, que a Bda Inf Mec necessitará de um R C Mec orgânico para cumprir com eficiência e eficácia suas missões, visando garantir ou aumentar a mobilidade estratégica da GU. Caso contrário, as tropas de infantaria mecanizada terão de ser empregadas em missões de Seg, contrariando a doutrina vigente e fazendo com que a Bda Inf Mec perca poder de combate, que certamente será necessário em um ponto futuro e mais decisivo.

As características da tropa: Esqd X Rgt

Entre as características, pode-se afirmar que um R C Mec tem maior potência de fogo, o que é necessário nas operações, pois este atuará constantemente sem a proteção completa do seu escalão superior, seja em ações de reconhecimento ou de segurança.

Já nas características proteção blindada e mobilidade, as tropas do Esqd C Mec e do R C Mec irão se equiparar devido ao material de emprego militar semelhante. Porém, é importante considerar o tempo de uso e as tecnologias existentes atualmente nas viaturas orgânicas da cavalaria mecanizada, que datam de quase 30 anos de uso e são da primeira geração de blindados, com pouca tecnologia agregada para minorar suas deficiências.

Nas características ação de choque e comunicações amplas e flexíveis, fatores essenciais ao emprego das peças de manobra e ao comando e controle no combate, fica nítida a superioridade do R C Mec, devido ao maior número de material de emprego militar existente no regimento.

Assim, conclui-se parcialmente que, no estudo das características da cavalaria mecanizada, em todos os aspectos, o R C Mec seria o valor de tropa mais adequado para compor uma Bda Inf Mec. Com a mecanização da Infantaria, esta ganhará em proteção blindada e mobilidade, com isso será necessário que a Cavalaria também tenha melhoria nas suas capacidades visando apoiar melhor a manobra decisiva de sua grande unidade.

Conclusão

O verdadeiro desafio não é inserir uma ideia nova na mente do militar, mas sim, expelir a ideia antiga.

LIDDELL HART


Em síntese, os preceitos e imposições do combate moderno, da Estratégia Nacional de Defesa e da Doutrina Delta trazem às tropas do Exército Brasileiro os imperativos de flexibilidade e elasticidade, bem como a necessidade de melhor organizar, articular e empregar suas peças de manobra.

Conclui-se que o melhor emprego da cavalaria mecanizada no contexto de uma Bda Inf Mec em M Cmb é executando missões na força de segurança, visando melhor aproveitar as suas características e possibilidades e atenuar as suas limitações.

Conclui-se ainda que a Bda Inf Mec é mais bem atendida com um R C Mec do que com um Esqd C Mec. Isso possibilitará ao Cmt Bda maior capacidade de atender às demandas atuais dos conflitos, empregando melhor a sua Infantaria Mecanizada na busca da conquista dos objetivos estratégicos decisivos, com maior poder de combate e a possibilidade de sucesso no momento em que isto se fizer necessário ou exigido. Isso não atingirá um conceito antiquado de que um comandante somente tem a capacidade de controlar cinco peças de manobra, visto que não há doutrina ou estudos a respeito disso e que, com o advento de novas tecnologias, se torna um pensamento obsoleto.

Um dado para conhecimento é que o Exército Americano utiliza o valor regimento para emprego de sua cavalaria mecanizada no nível brigada, diferente do Brasil, que usa a SU (um Esqd C Mec), considerando que as missões básicas desta tropa são reconhecimento, segurança e o levantamento de alvos (ênfase em ações de inteligência militar no combate).

Este estudo não esgota o assunto e ateve-se somente a um tipo de operação, embora as conclusões nele obtidas possam ser aplicadas a outros tipos de ação dentro do amplo espectro das operações militares.

Sugere-se, portanto, que sejam feitos estudos e experimentações doutrinárias para a evolução da tropa mecanizada, no nível pelotão e regimento, principalmente no que tange ao material, para que a atual doutrina da cavalaria mecanizada seja, no futuro, revista e melhorada afim de melhor cumprir as suas missões, porém com meios mais modernos. 

Referências

ALBUQUERQUE, José Pessoa Cavalcanti de. **Os “Tanks” na guerra Européa 1914-1918**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Albuquerque e Neves. 1921

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS. nbr 6023. Informação e documentação: referências - elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

Blindado sobre Lagartas ou Sobre Rodas?. Disponível em: www.ufjf.edu.br/defesa. Acesso em 25 SET 11.

Blindados e Doutrina Delta no Combate Urbano. Uma combinação possível. Disponível em: www.ufjf.edu.br/defesa. Acesso em 25 SET 11.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **C 2-1**: Emprego da Cavalaria. 2. Ed. Brasília, DF, 1999.

_____. Exército. Estado-Maior. **C 2-20**: Regimento de Cavalaria Mecanizado. 2. Ed. Brasília, DF, 2002.

_____. Exército. Estado-Maior. **C 7-30**: Brigadas de Infantaria. 1. Ed. Brasília, DF, 1984.

_____. Exército. Estado-Maior. **C 17-20**: Forças-Tarefas Blindadas. 3. Ed. Brasília, DF, 2002.

_____. Exército. Estado-Maior. **C 100-5**: Operações. 3. Ed. Brasília, DF, 1997.

_____. Ministério da Defesa. **Estratégia Nacional de Defesa**. Decreto Nr 6703, Brasília, DF, 2008.

_____. Exército. Estado-Maior. **IP 100-1**: Bases para modernização da doutrina de emprego da Força Terrestre (Doutrina Delta). 1. Ed. Brasília, DF, 1996.

_____. Exército. Estado-Maior. **O Processo de Transformação do Exército**. 2ª Edição. Disponível em: www.exercito.eb.br. Acesso em 25 SET 11.

_____. Exército. Estado-Maior. Portaria N º 038-EME-RES, de 8 de junho de 2010. Base Doutrinária de Brigada de Infantaria Mecanizada.

_____. Exército. Estado-Maior. Portaria N º 039-EME-RES, de 8 de junho de 2010. Base Doutrinária de Batalhão de Infantaria Mecanizada.

_____. Exército. Estado-Maior. Portaria N º 041-EME-RES, de 9 de junho de 2010. Diretrizes para a implantação, em caráter experimental, da Base Doutrinária de Brigada de Infantaria Mecanizada e de Batalhão de Infantaria Mecanizado.

BOWDEN, Mark. **Falcão Negro em Perigo – A historia de uma guerra moderna**. 1. Ed. São Paulo: Landscape, 2001.

CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**, Martins Fontes Editora. 3 Ed. Rio de Janeiro, RJ, 2010.

DOMINGUES, Clayton Amaral e NEVES, Eduardo Borba. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica**. Rio de Janeiro: EsAO, 204p. 2007.

DUARTE, Magno Paiva. **Organização das Armas e Serviços**, EsAO, Rio de Janeiro, 2007.

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS. **MATAD**. Apresentação de trabalhos acadêmicos e dissertações. 3. ed. – Rio de Janeiro, 2006.

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS. **Pub 30-101-1 – O INIMIGO**. 1º Volume. 3. Ed. Rio de Janeiro, RJ. 2003.

EUA. Headquarter. Department of the Army. **FM 3-20.96 CAVALRY SQUADRON (RSTA)**. Washington, DC. 2002.

_____. Headquarter. Department of the Army. **FM 3-21.31 STRYKER BRIGADE COMBAT TEAM**. Washington, DC. 2003.

_____. Headquarter. Department of the Army. **FM 3-90.6 BRIGADE COMBAT TEAM**, Washington, DC. 2010.

_____. Headquarter. Department of the Army. **FM 100-5 OPERATIONS**. Washington, DC. 1993.

_____. Headquarter. Department of the Army. **FM 100-60 OPFOR, ARMOR AND MECHANIZED BASED OPPOSING FORCE - ORGANIZATION GUIDE**, Washington, DC. 1997.

_____. Headquarter. Department of the Army. **JOINT PUB 3-55 DOCTRINE FOR RECONNAISSANCE, SURVEILLANCE, AND TARGET ACQUISITION SUPPORT FOR JOINT OPERATIONS (RSTA)**. Washington, DC. 1993.

Forças Blindadas e Mecanizadas e os Imponderáveis da Guerra. Disponível em: www.ufjf.edu.br/defesa. Acesso em 25 SET 11.

LIND, William S. **Compreendendo a Guerra de Quarta de Geração**. Military Review, Fort Leavenworth, 1º bimestre, 2005.

LIND, W.; NIGHTENGALE, K.; SUTTON, J.; WILSON, G.; SCHMITT, J. **“The Changing Face of War: Into the Fourth Generation”**, *Marine Corps Gazette*, Outubro 1989. Disponível em <www.dnipogo.org/fcs/4th_gen_war_gazette.htm>. Acesso em: 2 JAN 12.

MORGADO, Flávio Roberto Bezerra. **As Forças Mecanizadas do Exército Brasileiro – Uma proposta de atualização, modificação e modernização**. Dissertação. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2007.

OLIVER, Irvin. **Forças Mecanizadas na Guerra Irregular**. Military Review, Fort Leavenworth, p. 2-11, 4º bimestre, 2011.

Os paradigmas a serem enfrentados relacionados com a cavalaria mecanizada: transformar – adaptar. Disponível em: www.ufjf.edu.br/defesa. Acesso em 25 SET 11.

REVISTA VERDE OLIVA. Estratégia Braço Forte. Nr 203, Brasília p. 38-41, 3º trimestre, 2009.

SCHUBERT, Frank N. Kraus, Theresa L. **Tempestade do Deserto: Operações da Guerra do Golfo**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.

SOUZA JUNIOR, Jorge Francisco de. **As forças blindadas do Exército brasileiro - Atualização, Modificação e Modernização: uma proposta**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2010.

TZU, SUN. **A Arte da Guerra**. 2. Ed. Rio de Janeiro. Editora Campus, 2001.

TOFFLER, Alvin e Heidi. **GUERRA E ANTI-GUERRA**. 1. Ed. Rio de Janeiro. Editora Record, 1993.

VISACRO, Alessandro. **O Desafio da Transformação**. Military Review, Fort Leavenworth, p. 46-55, 2º bimestre, 2011.

WILCOX, Greg; WILSON, G. I. “**Resposta Militar à Quarta Geração de Guerra no Afeganistão**”, *MilitaryReview*, 1st Quarter, Ed. Brasileira, 2004.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.